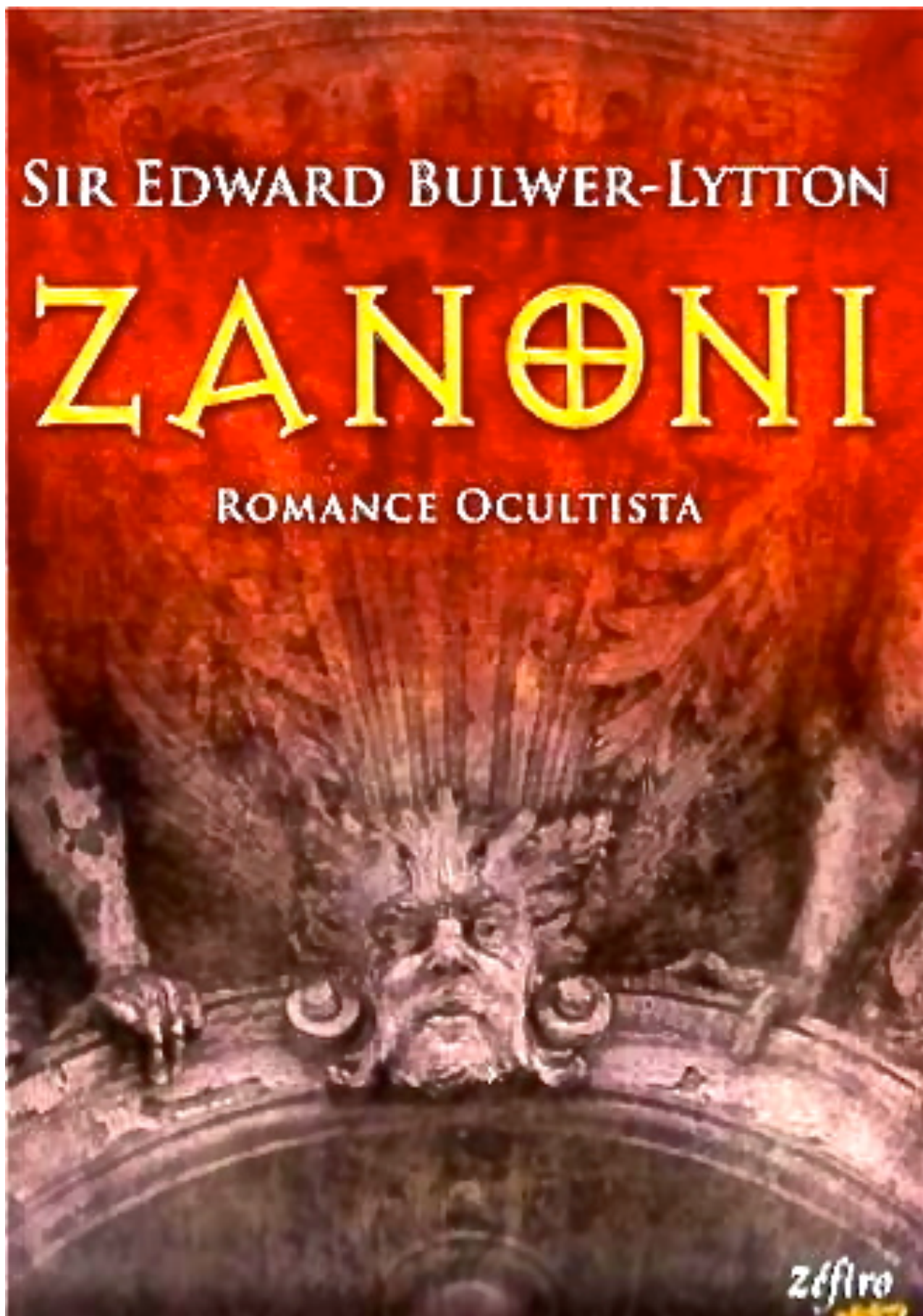


SIR EDWARD BULWER-LYTTON

ZANONI

ROMANCE OCULTISTA



zefiro

Zanoni

O livro que vemos a seguir é o título do mais famoso romance ocultista do escritor inglês Edward Bulwer-Lytton (1803-1873).

A narrativa se passa em Nápoles e tem por protagonistas o Conde Zanoni, a cantora de ópera Viola Pisani, o aprendiz de pintor Clarêncio Glyndon e Mejnour. O livro tem como pano de fundo os princípios da Ordem Rosa-cruz, tratando metaforicamente da alma e da busca pelo ideal.

Zanoni, um homem com elevado grau de consciência por ser imortal, cai e perde seus poderes por se apaixonar pela cantora de ópera Viola Pisani. O livro foi traduzido pela primeira vez para o português por volta de 1930 (Editora Pensamento), por Francisco Valdomiro Lorenz, ilustre estudioso de Esperanto e poliglota que nasceu na República Tcheca em 1872 e radicou-se no Brasil, na pequena cidade de São Feliciano, RS, agora chamada Dom Feliciano . Em 1997, o livro já havia sido impresso em 8 edições, podendo ser encontrado ainda hoje nas livrarias, especialmente aquelas dedicadas a literatura espírita ou esotérica. Curiosamente, é um dos raros exemplos em que o tradutor, não se conformando com o final trágico da estória, resolve dar-lhe continuidade, escrevendo "O Filho de Zanoni", também publicado pela mesma editora, procurando preservar o estilo do original, com grande sucesso e que também pode ser encontrado nas livrarias, mesmo depois de 55 anos da morte do autor/tradutor.

INTRODUÇÃO

É possível que entre os meus leitores haja alguns poucos que ainda se recordem de uma antiga livraria, que existia, há alguns anos, nas imediações de COVENT GARDEN; digo poucos, porque certamente, para a grande maioria da gente, muito escasso atrativo possuíam aqueles preciosos volumes que toda uma vida de contínuo labor havia acumulado nas empoadas estantes do meu velho amigo D.

Ali não se encontravam tratados populares, nem romances interessantes, nem histórias, nem descrições de viagens, nem “Biblioteca para o povo”, nem “Leitura recreativa para todos”. O curioso, porém, podia descobrir ali uma rica coleção de obras de Alquimia, Cabala e Astrologia, que um entusiasta conseguiu reunir e que, em toda a Europa, talvez, era a mais notável em seu gênero. O seu proprietário havia despendido uma verdadeira fortuna na aquisição de tesouros que não deviam ter saída. Mas o velho D. não desejava, na realidade, vendê-las. O seu coração não se sentia bem, quando um freguês entrava em sua livraria; ele espiava os movimentos do intruso, lançando-lhe olhares vingativos; andava ao

redor dele, vigiando-o atentamente; fazia carrancas e dava suspiros, quando mãos profanas tiravam de seus nichos algum dos seus ídolos. Se, por acaso, a alguém atraia uma das sultanas favoritas do seu encantador harém, e o preço dado não lhe parecia ser demasiado exorbitante, muitas vezes era duplicado esse preço. Se vacilasse um pouco, o proprietário com vivo prazer, lhe arrebatava das mãos a venerável obra que o encantava; se aceitasse suas condições, o desespero se pintava no rosto do vendedor; e não eram raros os casos que, no meio do silêncio da noite, tinha bater à porta da moradia do freguês, pedindo-lhe que lhe vendesse, nas condições que desejasse, o livro que batia com prado, pagando-lhe tão esplendidamente o preço estipulado. Um crente admirador do seu Averrois e do seu Paracelso, ele sentia a mesma repugnância, como os filósofos que havia estudado, em comunicar aos profanos o saber que tinha adquirido.

Sucedeu, pois, que, nos anos juvenis de minha existência e de minha vida literária, senti um vivo desejo de conhecer a verdadeira origem e as doutrinas da estranha seita a que se dá o nome de “Rosacruz”. Não satisfeito com as escassas e superficiais informações que, acerca deste assunto, se pode achar nas obras comuns, opinei que talvez na coleção do Sr. D., que era rica, não só em livros impressos, como também em manuscritos, encontrasse alguns dados mais precisos e autênticos sobre aquela famosa fraternidade, escritos, quiçá, por algum dos membros da Ordem, e que confirmassem, com o valor de sua autoridade e com certas particularidades, as pretensões à sabedoria e à virtude que Bringaret atribuía aos sucessores dos Caldeus e dos Ginosofistas. De acordo com estas suposições, encaminhei os meus passos ao dito sítio, o qual era, indubitavelmente (embora eu tenha que me envergonhar disso), um dos meus passeias prediletos. Porém, não existem, acaso, nas crônicas dos nossos próprios dias, erros e enganos tão obscuros, como os dos alquimistas dos tempos antigos? É possível que até os nossos periódicos vão parecer à nossa posteridade tão cheios de ilusões, como aos nossos olhos

parecem os livros dos alquimistas; e, talvez, achem até estranho que a imprensa é o ar que respiramos, quando este ar é tão nebuloso!

Ao entrar na livraria, notei num freguês de venerável aspecto, a quem nunca dantes ali havia encontrado, e cuja presença chamou a minha atenção. Surpreendeu-me também o respeito com que era tratado pelo colecionador, de ordinário desdenhoso.

- Senhor, - exclamou este, com ênfase, enquanto eu estava folheando o catálogo, - nos quarenta e cinco anos que levo dedicado a esta classe de investigações, é você o único homem que tenho encontrado digno de ser meu freguês. Como pode nestes tempos tão frívolos, adquirir um saber tão profundo? E quanto a esta augusta fraternidade, cujas doutrinas, vislumbradas pelos primeiros filósofos, lhes ficaram sendo misteriosas, diga-me se existe realmente, na terra, um livro, um manuscrito, em que se possam aprender as descobertas e os ensinamentos dessa sociedade?

Ao ouvir as palavras “augusta fraternidade”, excitou-se muito a minha curiosidade e atenção, e escutei com avidez a resposta do desconhecido.

- Eu não julgo - disse o velho cavalheiro - que os mestres da dita escola tenham revelado ao mundo as “suas verdadeiras doutrinas, a não ser por meio de obscuras insinuações e parábolas místicas”, e não os

censuro por sua discrição.

Depois de ter dito estas palavras, calou-se e parecia que ia retirar-se, quando eu me dirigi ao colecionador, dizendo-lhe, de um modo algo brusco:

- Não vejo em seu catálogo, Sr. D., nada que tenha referência aos Rosacruzes.

- Os Rosacruz! - repetiu o velho cavalheiro, olhando-me fixamente, com certa surpresa. - Quem, a não ser um Rosacruz, poderia explicar os mistérios Rosacruz? E o Sr. poderá imaginar que um membro dessa seita, a mais zelosa de todas as sociedades secretas, tenha querido levantar o véu que oculta ao mundo a Isis de sua sabedoria?

Ah! Pensei eu comigo, esta será, pois, a “augusta fraternidade” de que falou. Louvado seja o céu! Com certeza, topei agora com um membro dessa fraternidade.

- Porém, - respondi em voz alta, - onde poderia eu, senhor, obter alguma informação, se não se encontra nos livros? Em nossos dias, não pode um literato arriscar-se a escrever sobre qualquer coisa, sem conhecê-la a fundo, e quase nem se pode citar uma frase de Shakespeare, sem citar ao mesmo tempo o título da obra, o capítulo e o versículo. A nossa época é a época dos fatos, senhor, a época dos fatos.

- Bem, - disse o ancião, com um amável sorriso; - se nos virmos outra vez, poderei talvez, ao menos, dirigir as investigações do senhor à fonte mesma do saber.

E, ditas estas palavras, abotoou o, sobretudo, chamou com um assobio o seu cão, e saiu.

Quatro dias depois da nossa breve conversação na livraria do Sr. D., encontrei-me de novo com o velho cavalheiro. Eu ia tranqüilamente a cavalo em direção a Highgate, quando, ao pé da sua clássica colina, distingui o desconhecido, que ia montado num cavalo preto, e diante dele marchava o seu cão, preto também.

Se você encontrar, prezado leitor, o homem que deseja conhecer, cavalgando ao pé de uma longa subida, de onde não pôde se afastar muito, por certa consideração de humanidade à espécie animal, a não ser que ande no cavalo de estimação de algum amigo que lho emprestou, julgo que seria sua a culpa, se não

o alcançasse antes dele chegar em cima da colina. Em suma, favoreceu-me tanta a sorte que, ao chegar a Highgate, o velho cavalheiro me convidou a descansar um pouco em sua casa, que estava a curta distância da povoação; e era uma casa excelente, pequena, porém confortável, com um vasto jardim, e das suas janelas gozava-se de uma vista tão bela que seguramente Lucrécio a recomendaria aos filósofos. Num dia claro, podia-se distinguir perfeitamente as torres e sé pulas de Londres; aqui estava o tranqüilo retiro do eremita, e lá longe o “mare-magnum” do mundo.

As paredes dos principais aposentos estavam decoradas com pinturas de um mérito extraordinário, pertencentes àquela alta escola de arte que é tão mal compreendida fora da Itália. Eu fiquei admirado ao saber que essas pinturas haviam sido feitas pela mão do mesmo proprietário. As demonstrações da minha admiração pareceram agradar ao meu novo amigo, e levaram-no a falar sobre este ponto, e notei que ele não era menos inteligente no que se referia às teorias da arte, do que consumado na prática da mesma. Sem querer molestar o leitor com juízos críticos desnecessários, não posso deixar, entretanto, de observar, a fim de elucidar em grande parte o desígnio e o caráter da obra, à qual estas páginas servem de introdução, digo, não posso deixar de observar em poucas palavras, que ele insistia muito sobre a relação que existe entre as diferentes artes, de igual modo como um eminente autor o tem feito com

respeito às ciências; e que também opinava que, em toda a classe de obras de imaginação, sejam estas expressas por meio de palavras ou por meio de cores, o artista, pertencente às escolas mais elevadas, deve fazer a mais ampla distinção entre o real e o verdadeiro, - ou, em outras palavras, entre a imitação da vida real e a exaltação da Natureza até o Ideal.

- O primeiro - disse ele - é o que caracteriza a escola holandesa; o segundo, a escola grega. - Hoje, senhor, - repliquei, a escola

holandesa está mais com voga.- Sim, na arte de pintar, pode ser, - respondeu o meu amigo, porém na literatura...

- Foi precisamente à literatura que me referi. Os nossos poetas mais novos estão todos pela simplicidade e por Betty Foy; e o que os nossos críticos apreciam mais numa obra de imaginação, é poder-se dizer que suas personagens são exatamente como tiradas da vida comum. Até na escultura.

- Na escultura! Não, não! Ali o ideal mais elevado deve ser, pelo menos, a parte mais essencial! - Perdoe-me, senhor; parece-me que não viu Souter Johnny e Tom O'Shanter.

- Ah! - exclamou o velho cavalheiro, meneando a cabeça, - pelo que vejo, vivo muito apartado do mundo. Suponho que Shakespeare deixou de ser admirado, não é?

- Pelo contrário; a gente adora Shakespeare, porém esta adoração não é mais que um pretexto para atacar a todos os outros escritores. Mas os nossos críticos descobriram que Shakespeare é tão realista!

- Shakespeare realista! O poeta que nunca delineou uma personagem que se pudesse encontrar no mundo em que vivemos, - e que nem uma vez sequer desceu a apresentar uma paixão falsa, ou uma personagem real!

Estava eu pronto a replicar gravemente a este paradoxo, quando adverti que o meu companheiro começava a perder sua calma habitual. E aquele que desejava pescar um Rosa-Cruz, deve cuidar de não turvar a água. Assim, pois, achei que convinha mais dar outro giro à conversação.

- Revenons à nos moutons (Volvamo-nos ao nosso tema), - disse-lhe; - o senhor me prometeu dissipar a minha ignorância acerca dos Rosacruz.

- Muito bem! - respondeu-me ele, em tom sério; - porém, com que

propósito? Deseja talvez entrar no templo somente para ridicularizar os ritos?

- Por quem me toma o senhor? Certamente, se tal fosse o meu intento, a infeliz sorte do Abade de Vilars seria uma lição suficiente para advertir a toda a gente que não se deve tratar com frivolidade os reinos das Salamandras e dos Silfos. Todo o mundo sabe como misteriosamente foi privado da vida aquele homem de talento, em paga das satíricas burlas do seu “Conde de Gabalis”.

- Salamandras e Silfos! Vejo que incorre no erro vulgar de entender ao pé da letra a linguagem alegórica dos místicos.

Esta observação deu motivo ao velho cavalheiro para condescender a fazer-me uma relação muito interessante e, como me pareceu, muito erudita, acerca das doutrinas dos Rosacruz, dos quais, segundo

me assegurou, alguns ainda existiam, continuando ainda, em augusto mistério, suas profundas investigações no domínio das ciências naturais e da filosofia oculta.

- Porém, esta fraternidade, - disse o ancião, - se bem que respeitável e virtuosa, porque não há, no mundo, nenhuma ordem monástica que seja mais rígida na prática dos preceitos morais, nem mais ardente na fé cristã, - esta fraternidade é apenas um ramo de outras sociedades ainda mais transcendentais nos poderes que adquiriram, e ainda mais ilustres por sua origem. Conhece o senhor a filosofia platônica?

- De vez em quando me tenho perdido em seus labirintos - respondi. - A minha fé, os platônicos são cavalheiros que não se deixam compreender facilmente.

- E, contudo, os seus problemas mais intrincados nunca foram publicados. Suas obras mais sublimes conservam-se manuscritas, e constituem os ensinamentos da iniciação, não só dos Rosacruz,

como também daquelas fraternidades mais nobres a que me referia há pouco. Porém, ainda mais solenes e sublimes são os conhecimentos que podem respigar-se de seus antecessores, os Pitagóricos, e das imortais obras mestras de Apolônio.

- Apolônio, o impostor de Tyana! Existem seus escritos?

- Impostor! - exclamou o meu amigo. - Apolônio impostor?

- Perdoe me, senhor; eu não sabia que ele era um dos seus amigos; e se o senhor me garante por sua pessoa, acreditarei com gosto que ele foi um homem muito respeitável, que dizia só pura verdade quando se gabava de poder estar em dois lugares distintos ao mesmo tempo.

E isto é tão difícil? -- replicou o ancião. - Se lhe parece impossível, é por que nunca sonhou!

Aqui terminou a nossa conversação; porém, desde aquele momento, ficou formada entre nós uma verdadeira intimidade que durou até que o meu venerável amigo abandonou esta vida terrestre. Descansem em paz as suas cinzas! Ele era um homem de costumes muito originais e de opiniões excêntricas; mas a maior parte do seu tempo empregava em atos de filantropia, sem alarde e sem ostentação alguma. Era entusiasta dos deveres do Samaritano, - e assim como as suas virtudes eram realçadas pela mais doce caridade, as suas esperanças tinham por base a mais fervorosa fé. Nunca falava sobre sua própria origem e da história de sua vida, e eu nunca pude elucidar o mistério obscuro em que estava envolvida. Segundo parece, tinha viajado muito pelo mundo, e havia sido testemunha ocular da primeira Revolução Francesa, a respeito da qual se expressava de um modo tão eloqüente como instintivo. Não julgava os crimes daquela tempestuosa época com aquela filosófica indulgência com que alguns escritores ilustrados (que têm as suas cabeças bem seguias sobre os seus ombros) se sentem, atualmente, inclinados a tratar as matanças desses tempos

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

